



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JESSICA CAROLINE TAVEIRAS

Memórias da Prostituição:

A Vila Matos em Londrina através das páginas do jornal
Folha de Londrina (1990-2007)

Londrina

2014

JESSICA CAROLINE TAVEIRAS

Memórias da Prostituição:

A Vila Matos em Londrina através das páginas do jornal
Folha de Londrina (1990-2007)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Metodologia de
Pesquisa Histórica como requisito à
obtenção do título de licenciado em
História.

Orientador: Profa. Dra. Edméia Ribeiro

Londrina

2014

JESSICA CAROLINE TAVEIRAS

Memórias da Prostituição:

A Vila Matos em Londrina através das páginas do jornal
Folha de Londrina (1990-2007)

Trabalho de Conclusão de Curso.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Dra. Edméia Ribeiro
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Edson Holtz Leme
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Jairo Pacheco Queiroz
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 20 de Novembro de 2014.

Dedico esse trabalho a minha querida Sophia e ao Lucas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de demonstrar a minha gratidão e meus agradecimentos à todos aqueles que estiveram envolvidos neste trabalho.

À minha orientadora, primeiramente que dispôs de seu tempo e paciência nos dias de orientação e sempre me auxiliou e me orientou com leituras, nas teorias e nas práticas de escrita.

Ao Edson Holtz Leme, que me ajudou com as primeiras orientações, e acabou por sugerir minha orientadora. Agradeço pelos seus primeiros conselhos para a delimitação dessa pesquisa.

Ao professor de Metodologia de Pesquisa Histórica Richard Gonçalves André, que desde o terceiro ano se dispôs a todos da turma com muita paciência, e foi o primeiro orientador de todos.

Também gostaria de agradecer aos colegas de curso, que durante esta convivência de quatro anos foram de grande ajuda para meu crescimento pessoal.

Talvez isto pareça ridículo a muita gente, mas tenho uma indulgência inexaurível pelas meretrizes, e não me dou sequer ao trabalho de discutir essa indulgência. (DUMAS, Alexandre Filho, *Damas das Camélias*, p.246.)

TAVEIRAS, Jessica Caroline. **Memórias da prostituição**: A Vila Matos em Londrina através das páginas do jornal Folha de Londrina (1990-2007). 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Este trabalho problematizou a memória construída por meio de reportagens do jornal Folha de Londrina a respeito da Vila Matos e da prostituição nas décadas de 1950 e 1960. Dessa maneira foram utilizadas como fonte principal duas matérias que tratavam da morte de duas cafetinas donas de duas das maiores casas de prostituição da cidade, entre outras reportagens que rememoravam a Vila Matos. Para compreender a imersão dessas memórias, também foram analisados, de forma geral, os periódicos da década de 1990 a 2007. Assim, ao longo dessa pesquisa, foi possível perceber que as memórias construídas a respeito da prostituição em Londrina, através do jornal Folha de Londrina, estão entre muitas memórias consideradas por Michael Pollak, como subterrâneas e surgem nesse período aqui analisado reivindicando seu espaço na constituição da memória londrinense.

Palavras-chave: História de Londrina, Prostituição, Memórias, Folha de Londrina.

TAVEIRAS, Jessica Caroline. **Memories of prostitution:** The Vila Matos in Londrina in 1950 to 1966 from the newspaper Folha de Londrina. 2014. Final Coursework (Graduation in History) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This paper has problematized the memory built through reports of the Folha de Londrina newspapers about the Vila Matos and the prostitution in the decades of 1950 and 1960. Therefore, two reports about the death of two procuress owners of the two greater prostitution houses of the city were used as main font, amongst other reports that remembered the Vila Matos. To understand the immersion of those memories, also were generally analyzed the periodics of the decade of 1990 until 2007. Thus, throughout this research where possible to understand that the memories of the prostitution in Londrina are among many memories considered by Michael Pollak as underground and arise in this period here analyzed claiming it's space in the constitution of the people of Londrina memory.

Keywords: History of Londrina, Prostitution, Memories, Folha de Londrina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. LONDRINA DE 1950 E A PROSTITUIÇÃO	11
2. PARA ANÁLISE DOS PERIÓDICOS.....	22
2.1 O Jornal Folha de Londrina e a construção da Memória londrinense	23
3. Memórias da Vila Matos.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
PRINCIPAIS FONTES.....	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo discutir a construção da memória da prostituição na cidade de Londrina de 1949 a 1966, através de matérias publicadas no jornal Folha de Londrina de 1990 a 2007.

A prostituição é abordada como tema de muitas áreas, como a Literatura, as Ciências Sociais, a Antropologia, a Psicologia e também pela História.

O grande número destas abordagens nas diversas áreas ressalta o interesse que essa prática tem socialmente.

Na historiografia brasileira temos duas obras de grande importância que são de Margareth Rago (1991), e de Magali Engel (1989). Essas duas obras são referências historiográficas quando o assunto é prostituição, assim como uma pesquisa mais recente de Juçara Leite (2005).

Na pesquisa de Rago (1991), a autora analisa a prostituição na cidade de São Paulo nos anos de 1830 a 1930 através de discursos jurídicos e médicos, periódicos e da literatura. Nesta obra ela traça aspectos sociais, econômicos e culturais do mundo da prostituição, além de seu impacto na sociedade no período. Em Meretrizes e Doutores, Magali Engel (1989), analisa a prostituição na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1840 a 1890, através da perspectiva médica, e a medicina social no Brasil nesse período em relação à prostituição. Mais recentemente o trabalho de Juçara Luiza Leite (2005) descreve uma área específica na cidade do Rio de Janeiro destinada a prostituição nos anos de 1954 a 1974. Para realizar sua pesquisa a autora utilizou as fichas médicas das prostitutas e relatos orais. Em seu livro ela discute a vida dessas mulheres e o que as levaram a procurar a zona do Mangue para trabalhar e viver. Apesar de não generalizar os motivos ela atribui esta busca à falta de qualificação profissional e ao analfabetismo.

E na historiografia regional temos a obra de Benatti (1996) que debate principalmente a questão da prostituição na “Capital Mundial do Café” e as memórias de homens das classes mais abastadas que freqüentavam a área de meretrício - os boêmios -, além de explorar a questão territorial da cidade dividida entre central e marginal.

Diferentemente da obra de Benatti, Leme (2007), aborda a prostituição e a visão social da população da cidade sobre essa prática, pois ele utiliza como fonte periódicos, inquéritos criminais e outros documentos. Desta forma ele nos mostra as tensões na cidade quanto ao tema.

O recorte temporal entre os anos de 1952 e 1966 refere-se ao período auge da produção cafeeira na região e, conseqüentemente, também ao da prostituição na cidade de Londrina até a derrubada da zona de meretrício, a Vila Matos.

Os estudos realizados a respeito da história regional de Londrina têm buscado nas últimas décadas um novo enfoque, os dois principais trabalhos são de Sonia Sperandio Adum (1991) e de José Miguel Arias Neto (1998), que revisa obras produzidas até então sobre uma Londrina fundada no trabalho e na ordem, e buscam dar vozes a segmentos sociais que até aquele momento haviam sido calados.

Apesar do tema da prostituição na cidade de Londrina ter sido objeto de estudo tratado em outras duas obras, o enfoque do tema neste trabalho se diferencia ao analisar a memória que se constituiu a respeito da prostituição entre os anos 1950 e 1960 à partir das memórias construídas pelo jornal da Folha de Londrina publicadas posteriormente, ou seja, entre os anos de 1990 a 2007.

O tema da Vila Matos como espaço de memória na sociedade londrinense se manifesta de muitas maneiras, como curtas-metragens apresentado pelo programa da RPC (Rede Paranaense de Comunicação) Casos e Causos e peças teatrais como Noites Ilícitas e outros documentários. Assim é possível perceber que a Vila Matos busca ser integrada à memória da cidade.

As matérias do jornal Folha de Londrina sobre a memória da Vila Matos, que são as fontes principais deste trabalho, datam do período entre 1990 a 2007. A partir deles será analisado, também, o porquê da imersão destas memórias nos periódicos a partir da década de 1990.

Através dos periódicos é possível perceber as mudanças e permanências que ocorrem ao longo dos anos em várias questões sociais, culturais e de valores morais.

Com esses pontos previamente elucidados, este trabalho foi dividido em três partes: O primeiro capítulo contextualiza a história de Londrina, com enfoque nas atividades de prostituição, no período de 1949 a 1966; o segundo capítulo busca contextualizar o intervalo de tempo entre 1990 e 1994 e entender o porquê da produção de periódicos sobre a memória da Vila Matos; e por fim, no terceiro capítulo, é realizada a análise de fonte e sua respectiva problematização a partir do conceito chave da pesquisa, a memória.

1. LONDRINA DE 1950 E A PROSTITUIÇÃO

As memórias a respeito da prostituição construída nas páginas dos periódicos da Folha de Londrina que serão analisados no próximo capítulo apresentam a história da cidade como algo harmônico e de uma convivência tranquila mesmo quando se tratava dos setores que a sociedade classificava como imoral ou ilícito.

Contudo, através das pesquisas produzidas que analisaram a história da prostituição na cidade de Londrina, como as de Antonio Paulo Benatti e Edson Hotlz Leme, sabe-se que de sua constituição até o fechamento da Vila Matos, o tema é de fato conflituoso e conturbado.

Para analisar esse período da história de Londrina, esta monografia utilizou como fonte de análise dois periódicos que circulavam na cidade nesse período, são eles a "Folha de Londrina" e o "O Combate". O recorte temporal desses jornais datam de 1949 a 1966, período esse que corresponde à transferência da zona de meretrício para a Vila Matos e ao seu fechamento e transferência. Esse recorte também foi delimitado, pois as memórias construídas são referentes a essa periodização.

A Folha de Londrina surgiu na cidade de Londrina, no ano 1948 fundado por João Milanez. Durante esse período o jornal possuía sua publicação semanalmente, e após a década de 1950 passou de semanal para publicação diária. Atualmente é um dos mais requisitados jornais em circulação na cidade de Londrina e região.

O jornal O Combate sob a direção do jornalista Marinósio Filho, possuía sua publicação semanalmente, um jornal de caráter altamente moralista, denunciava constantemente a prostituição principalmente na região central - na Rua Brasil (atual Rio Grande do Sul) e suas adjacências. Em 1979 Marinósio, inspirado nas histórias reportadas pelo jornal O Combate, publicou o livro Nos Porões da Delegacia de Polícia. Ao contrário da Folha de Londrina, o jornal O Combate não circula atualmente.

Antes da transferência da zona meretrício para a Vila Matos, a prostituição se concentrava na rua Rio Grande do Sul - atual Rua Brasil - e em suas adjacências, contudo, com o crescimento da cidade essa área acabou sendo englobada como espaço pertencente ao centro da cidade e, conseqüentemente, a prática da prostituição estava muito próxima aos olhos de famílias e de pessoas que passavam por essa região. Essas ruas terminavam na avenida Duque de Caxias e formavam a periferia nos primeiros anos de Londrina. Nessa região se constituiu não apenas a área de meretrício, mas também, a zona boêmia da cidade como aponta Benatti (1996).

Apesar da “tolerância informal para com sua existência, o crescimento do número de casas “suspeitas” na Rua Rio Grandes do Sul tornou-se parte da preocupação das elites e camadas médias da sociedade”, (LEME 2009, p.47).

No final da década de 1940 e durante a década de 1950 a cidade de Londrina foi tomada pelo discurso de Capital Mundial do Café, desse modo houve o crescimento urbano. Leme (2009) afirma que a busca pelo moderno gerou diversas modificações no cotidiano dos habitantes da cidade.

Benatti (1996) afirma que o crescimento urbano aconteceu de forma geral e o centro se modernizou. Havia a migração devido à propaganda sobre o Norte do Paraná, o que trouxe consigo principalmente trabalhadores de origem humilde que se instalaram nas áreas periféricas. Em um determinado momento o centro e as margens se encontraram e geraram uma série de conflitos sociais denunciados nos jornais da cidade.

Os conflitos sociais reportados pelos jornais, como brigas, a prostituição, jogos e pessoas indesejadas como vagabundos, mendigos, prostitutas e cafetões circulando nas áreas centrais da cidade, são constantemente apresentados por esses jornais que são porta-vozes das classes hegemônicas, que buscavam uma cidade ordenada e higiênica. Leme relata que era “consenso, para as elites cidadinas, a necessidade de ordenar e distribuir os espaços alocados, a “pobreza” em áreas distintas daquelas consideradas “nobres” (LEME, 2009, p.37).

Foi nesse período de migração e aumento das zonas periféricas que houve a aceleração no processo de transformação da paisagem urbana, no qual começam a surgir os primeiros arranha-céus da cidade e novos edifícios de grande importância como o Cine Ouro Verde, que foi anunciado pelos

jornais como um dos mais luxuosos do Paraná sendo comparado aos cinemas das grandes cidades do Brasil.

Na área de meretrício na década de 1950, segundo Benatti “apareciam às primeiras grandes "casas" - como a Selma, a Jô, a Laura, a Diana-, que imitavam os bordéis mais luxuosos dos grandes centros urbanos” (BENATTI, 1996, p.118).

Essas grandes “casas” estavam destinadas a ter como clientela pessoas das classes mais abastadas, conseqüentemente os frequentadores dessas casas eram figuras importantes na cidade de Londrina. Por essa razão, se analisado periódicos da Folha de Londrina ou O Combate, raramente ou nunca são denunciadas as mulheres que pertenciam ao alto meretrício, contudo as prostitutas do baixo meretrício e principalmente aquelas que faziam das ruas seu espaço de trabalho são alvos constantes dos jornais.

Os jornais que circulavam nessa época procuravam demarcar claramente o que era centro e o que era periferia na cidade. Segundo Benatti (1996) “enquanto do centro irradiavam todas as virtudes morais e cívicas, das margens exalavam todos os males deletérios, todos os crimes possíveis e imagináveis, todos os indizíveis vícios e pecados”(BENATTI, 1996, p. 122)

O baixo meretrício é colocado como imoral nos jornais da cidade, ele é constantemente denunciado como palco de extrema violência, sujeira, imoralidade, perigo e desordens.

Benatti destaca que o baixo meretrício, na concepção das classes dominantes da cidade, merecia uma atenção maior da polícia e da saúde pública por ser

Palco da prostituição rampeira, lugar de circulação intensiva de tipos oriundos das camadas mais baixas da população, o baixo meretrício é o antro por excelência da criminalidade popular, lugar de perigo mesmo para a polícia. (BENATTI, 1996. p 187)

A Vila Matos como espaço da prostituição em Londrina, surge na busca de um lugar específico para esta prática, de forma que esse comércio não ocorresse no centro da cidade aos olhos das famílias e pessoas consideradas respeitáveis. Essa separação ocorria em nome da cidade higienizada, no qual os grupos dominantes buscavam controlar e disciplinar esses grupos marginalizados.

Contudo, a Vila Matos não era um lugar específico para essa prática, havia casas, pensões e boates que resistiam ao confinamento da prostituição à esse lugar. Estas persistiam em espaços considerados pertencentes ao centro da cidade, o que incomodava as pessoas e a imprensa. Por essa razão, a localização era alvo de constantes denúncias nos jornais, como é possível notar na reportagem a seguir do jornal O Combate:

Estão fechadas as espeluncas da “famosa” rua Brasil. A medida digna dos maiores encômios, foi tomada, em ação conjunta pela Delegacia de Polícia, Saúde Pública e Prefeitura Municipal. O decreto de terminou o fechamento das verdadeiras pocilgas, antros de ladrões, meretrizes e criminosos de toda espécie... Assim, as autoridades, cômicas dos seus deveres, cumpriram a lei, zelando pelo sossego, pela saúde e pela moralidade pública, como é de conhecimento geral, a rua Brasil era o cancro que estava carcomendo o coração de Londrina. (SILÊNCIO, 1955)

A Rua Brasil era constantemente denunciada pelo jornal O Combate como um lugar de bagunça, confusão e promiscuidade. As acusações das classes hegemônicas através da imprensa se deviam ao fato de que todas essas características marginalizadas deveriam ser restritas à Vila Matos.

A persistência em continuar nos espaços que as autoridades consideravam inadequados para as práticas ilícitas gerava uma série de reclamações e abaixo-assinados que resultava no distanciamento para áreas periféricas da cidade. Como aponta Leme (2009), as diversas tentativas de normalizar e disciplinar a prostituição teve como uma de suas principais justificativas a preservação da moral e dos bons costumes.

É interessante perceber que a busca da separação dos corpos e o controle da prostituição pelas autoridades não ocorriam apenas em Londrina. Também ocorriam em toda a região do Norte do Paraná e também em grandes cidades como no Rio de Janeiro, na zona do Mangue. Sobre essa região Juçara Leite escreve que

A existência de uma área especificamente destinada à prostituição não era idéia nova. Desde meados do século passado, a exemplo do que acontecia na Europa, o saber médico e as instituições policiais defendiam a idéia da construção de áreas destinadas à existência de bordéis higienizados, isto é, áreas onde a prostituição pudesse ser exercida sob controle médico-policial. (LEITE, 1996, p.05.)

A prática do confinamento e da regulamentação é uma prática do século XIX, vindos da Europa. Segundo Benatti (1996), a partir desse século a

política de confinamento foi mecanismo estratégico da sociedade burguesa para normalizar e controlar o mundo da prostituição.

Essas práticas tinham como finalidade o controle médico e policial que visavam manter a ordem nesses espaços marginais e impedir a proliferação de doenças venéreas.

As prostitutas possuíam fichas médicas e os exames eram obrigatórios, as fichas eram assinadas pelas autoridades responsáveis. Segundo Leme, constava nessas “fichas os dados pessoais como o nome, o codinome, endereço, filiação, nacionalidade, número de filhos e sob guarda de quem viviam, dados físicos, como cor dos olhos, cabelos, pele, formato de nariz e boca e número de dentes, também havia informações relacionadas à prática de trabalho, como o tempo que praticava a prostituição, a casa que trabalhava e sua localização” (LEME, 2009, p. 222).

Segundo Leme (2009), apesar dos exames serem obrigatórios, muitos deles não eram realizados. Os motivos das prostitutas poderiam ser variados, como mudança de endereço constante ou a própria recusa em fazê-los. Por essa razão o Centro de Saúde e a polícia trabalhavam em conjunto para que os exames obrigatórios fossem realizados. Essa medida, que visava os exames obrigatórios, era em nome das políticas públicas, para que doenças venéreas não se alastrassem no perímetro urbano.

A busca pela separação dos corpos não se restringiu apenas ao território central de Londrina, ela também visava separar e distinguir as prostitutas nos lugares públicos. A presença delas em salões, sorveterias e cinemas da cidade muitas vezes causavam desconforto, porque a maneira de se vestir, falar e se portar podia ser diferenciado do padrão de mulher respeitável imposto pela sociedade.

A prostituta é considerada pela sociedade da década de 1950, uma mulher desonesta. Segundo Ribeiro (2004), elas possuem um comportamento que não seguem os padrões estabelecidos pela a sociedade, pois ela sobrevive da renda do sexo em um período que esse estava permitido a mulher somente com o casamento e para a procriação.

Em relação à figura da prostituta perante a sociedade, Leite menciona que “a medida que os papéis e valores se definiram, era preciso melhor

delinear a figura da prostituta a fim de que fosse um limite à liberdade feminina” (LEITE, 2005, p.23).

A figura da prostituta é o limite da liberdade feminina, pois a mulher deveria estar estrita ao casamento e aos filhos. As mulheres insubmissas e independentes foram comparadas a figura de meretrizes. Rosimeire Angelini Castro aponta que:

Os periódicos pautaram-se por fixar posturas e comportamentos femininos, estabelecendo papéis aceitos e condenando aqueles similares aos da natureza da prostituta, da “*femme fatale*”, de sexualidade exótica e da liberdade para as práticas sexuais ilícitas. (CASTRO, 1994 p.47.)

O controle sobre a mulher ocorria de muitas maneiras e não era apenas questão de se diferenciar de prostitutas, era questão de não ficarem mal faladas e não serem classificadas como desonestas ou namoradeiras. Para que essas situações não ocorressem no âmbito privado havia o controle dos pais com filhas e, no âmbito público, temos, por exemplo, a coluna da Folha de Londrina intitulada Tia Jurema, que figurava como as mulheres deveriam se portar, se vestir, se maquiar e o que usar para ser respeitável.

Além da delimitação territorial, as prostitutas tinham uma série de normas para circular no centro da cidade. Essas normas incluíam um horário restrito, o porte com decoro e pudor e a utilização de carros ou charretes para locomoção. O dispositivo para que essas medidas se tornassem efetivas era através do controle policial, como discorre Benatti (1996).

Em alguns casos a presença delas em espaços públicos da cidade gerava desconforto à ponto de serem denunciados nos jornais da cidade, como podemos ver na seguinte reportagem:

Não sabemos quais horários determinados pela polícia para a saída das mulheres de vida fácil. Sabemos, sim, é que a grande maioria delas freqüentam o Cine Ouro Verde (de preferência) nas sessões da tarde, exibindo trajes geralmente indiscretos e portando-se indevidamente perante as senhoras, moças e crianças. Num flagrante desrespeitoso ao pudor público. Seria de bom aviso que a polícia procurasse tomar conhecimento do fato, afim de que fosse postas em prática as necessárias providências. (apud, LEME, 2009, p.92)

A proximidade entre o mundo do lícito e do ilícito gerava uma série de conflitos pelo fato das prostitutas não se incluírem nos padrões estabelecidos para as mulheres pela sociedade. A partir do momento em que isso incomoda as classes hegemônicas, torna-se assunto de polícia. Benatti (1996) aponta

que objetivo do policiamento era não apenas zelar pela ordem no submundo, mas impedir que este se alastrasse e "transcendesse aquela delimitação".

Uma maneira de transcender as delimitações foi o *trottoir*, que se tratava da prostituição nas ruas da cidade. Essa prática fora dos limites impostos pelas autoridades gerava uma série de denúncias e também era coibido com a detenção e muitas vezes com a violência física, como aponta Leme (2009).

Ao mesmo tempo em que a polícia agia com violência para com as prostitutas, era seu dever controlar e manter a ordem na área de meretrício, desta forma a polícia também deveria dar assistência às mulheres em casos de brigas, agressão às mulheres, calotes ou até mesmo em caso de morte na zona de meretrício.

A mistura dos corpos, o crescimento de ambos os lados gerou divergências que os periódicos da década de 1960 reportavam continuamente, ou seja, a busca pela transferência do meretrício nessa década era iminente.

Benatti (1996) assegura que a zona de meretrício na década de 60 já não era a mesma de outrora, ele atribui seu declínio principalmente ao declínio do café no mercado, assim muitas das casas mais luxuosas da Vila Matos já não se localizavam mais em Londrina, pois muitas das donas dos grandes bordeis haviam se mudado para as grandes cidades.

Desta forma, em Londrina restou principalmente o baixo meretrício. Este condenado pela sociedade foi alvo de mobilizações sociais para a sua transferência. Benatti afirma que enquanto as luzes das grandes casas se apagavam, a Vila Matos tornava-se um grande cortiço.

A busca pela transferência se estendeu por alguns anos através de debates provocados por moradores que viviam ao redor da Vila Matos que levaram a discussão à Prefeitura da cidade. Esses debates eram constantemente alardeados pelos jornais da cidade e propunham a transferência. É isso que pode-se perceber na seguinte reportagem do Jornal Folha de Londrina:

Em nome dos moradores das Vilas Santa Teresinha do Grilo e Jardim Santa Elena, leitor enviou carta à Folha, que solicita a publicação de um apelo às autoridades competentes, para que resolvam o problema da localização do meretrício, transferindo-o para um ponto qualquer fora do perímetro urbano [...] O signatário da carta enviada à redação pondera ainda que em virtude da atual localização, milhares de

peçoas (mais de 500 famílias nas adjacências) são compelidas a transitar pelas ruas da Vila Matos sempre que necessitavam deslocar-se para o centro da cidade. Assim –afirma o missivista-ninguém poderá negar a mediada é justa, necessária e inadiável. (MORADORES, 1963, p.16.)

Essa reportagem demonstra que o incômodo causado pela Vila Matos estava ligado principalmente a sua localização. Quando o meretrício havia sido transferido para essa região era um espaço relativamente afastado do centro de Londrina, contudo, como crescimento da cidade, a zona de meretrício passa se aproximar novamente do centro e ambientes familiares.

Também é notável que apesar da busca pela transferência imediata, essa reportagem data de 1963 e a transferência ocorreu no ano de 1966. Não foi uma transferência pacífica e sim muito conturbada e polêmica.

A Vila Matos era fronteira de outros três bairros, estes eram o Jardim Helena, a Vila do Grilo e a Vila Santa Teresinha. No ano de 1963 os moradores desses três bairros, juntamente com moradores da Vila Matos, iniciaram uma campanha para a transferência da área de meretrício através de um comitê popular com 45 membros. Não demorou para que o projeto da transferência chegasse à Câmara de Vereadores. Como é possível notar após a análise dessa das reportagens referentes ao assunto da transferência.

Como a transferência necessitava dos instrumentos jurídicos, houve uma comissão de vereadores específica para tratar do assunto, pois a localização da zona de meretrício era regulamentada, ou seja, as boates, casas de prostituição e bares da Vila Matos possuíam alvará de funcionamento uma vez que foram transferidas anteriormente judicialmente.

Apesar da regulamentação legal, houve o início do processo de cassação dos alvarás, processo que se iniciou em 1965 e durou um ano. Percebe-se o desígnio dos moradores pelo encerramento das atividades relacionadas ao meretrício através da seguinte reportagem do jornal Folha de Londrina:

Bukowski afirmara, na ocasião, que o fechamento daqueles bares fora processado como passo inicial para o fechamento do meretrício, ressaltando que tais estabelecimentos constituíram- verdadeiro acinte à moral pública- e seus proprietários estavam incursos em dispositivos da Lei de contravenções Penais. (JUSTIÇA, 1965, p.06.)

Bukowski era o delegado da cidade nesse momento, e as reportagens do jornal Folha de Londrina em torno de sua figura o estima como um herói da

cidade principalmente devido a sua batalha pelo fechamento da área de meretrício na Vila Matos.

A reportagem apresentada refere-se ao fechamento de 19 bares e casas de tolerância na área de meretrício e foi uma de várias que reportavam a mesma notícia do fechamento gradual dos bares, casas de diversão e moradias.

Em 09 de janeiro de 1966 a Folha de Londrina apresenta uma reportagem com o seguinte título: “Buskowiski fechou a zona de meretrício: operação fechou a zona” e seria o fechamento definitivo da Vila Matos como área de meretrício.

Benatti (1996) diz que uma verdadeira operação de guerra foi montada para a realização do fechamento. Foi reunido todo contingente da Polícia Militar, da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros.

A operação se iniciou de madrugada e segundo a reportagem havia cerca de 400 prostitutas que residiam na Vila Matos. Os jornais informavam que a “Polícia forneceria passagens àquelas que solicitassem saída para outras localidades”, como noticiado na reportagem analisada. (BUSKOWISKI, 1966, p.15.)

Após a operação de fechamento e transferência da zona de meretrício houve resistência dos proprietários para saírem da Vila Matos, sendo que eles solicitaram novamente o alvará. Percebe-se em algumas reportagens o tom moralista e indignado dos jornalistas da época por essa busca dos alvarás:

MAS... alegria de pobre dura pouco, teria dito algum prejudicado com a operação limpeza. Tanto é que logo depois, tentava-se embora sem êxito promover a reabertura dos lupanares e buates... Infelizmente, é realidade, pois alguns proprietários e exploradores do lenocínio não desistiram ainda. A prova é que longe, foram buscar advogados para a defesa da malfadada causa. Cabe, no entanto, lembrar a esses profissionais que a causa é inglória. (O MERETRÍCIO, 1966, p.03)

Apesar da busca pela reabertura por meios legais, os proprietários de estabelecimentos da área de meretrício não conseguiram seus alvarás de funcionamento novamente. Apesar do nome da matéria - meretrício em sua defesa -em momento algum efetivamente existe a defesa, ao contrário, é colocado como um espaço que envergonhava a cidade.

Além disso, os jornais convocavam a população a “protestarem, que falem e que gritem os que estão sob ameaça de voltar a conviver com mariposas, marginais e desocupados de toda espécie” (O MERETRÍCIO. 1966 p.03).

A cidade havia crescido novamente e a área de periferia destinada ao meretrício já não era mais a periferia, e outra vez como na década de 40 a área de meretrício deveria ser transferida a outro espaço longe dos olhos das famílias e pessoas classificadas como honestas.

O local destinado a nova zona de meretrício desta vez localizava-se na saída de Londrina, na divisa com a cidade de Ibiporã. O jornal Folha de Londrina anunciou que a Santa Casa iniciou a venda de datas para a efetivação da transferência “O loteamento localiza-se na antiga saída para Ibiporã, cerca de 4 quilômetros do centro da cidade, e possibilitará a divisão e, mais de setenta datas, que serão vendidas ao preço médio de 2 milhões de cruzeiros cada”.(SANTA,1966.p.16).

O papel da Santa Casa é ambíguo e curioso nesse momento, pois é uma instituição de caráter religioso, e que nesse momento acabou ofertando e vendendo lotes para a nova área de prostituição. Ofereceu nesse momento de fechamento da área de meretrício da Vila Matos, lotes para o funcionamento das casas de prostituição.

Benatti (1996) aponta que poucos e pobres bordéis vingariam nessa região. O novo espaço destinado à área de meretrício estava afastado cerca de quatro quilômetros do centro da cidade, contudo não foi o fim da luta contra a prostituição na cidade, sua lógica apenas se modificou e a partir da transferência não estava restrita a um espaço específico e controlado.

Após o fim do meretrício, a Vila Matos passou a ter os problemas sociais de qualquer bairro carente, problemas de infra-estrutura, saneamento e outros e ainda vivia sob estigma de seus tempos de outrora.

Nos anos de 1980 a região ficou destinada a receber a construção da nova rodoviária, assim a Vila Matos foi derrubada para que o projeto se concretizasse e os moradores foram conduzidos a outros bairros habitacionais da cidade.

Contudo, esse não foi o fim da Vila Matos, ela reaparece através de memória em jornais da Folha de Londrina a partir dos anos noventa, com uma

carga positiva e saudosista que é característica da memória e, segundo Peter Burke, (2011), a memória é algo maleável, seleta e muda com o passar do tempo.

Entretanto a problemática a ser explorada no próximo capítulo é mais que analisar essa memória apresentada por esses periódicos, trata-se de buscar entender o porquê essas memórias emergem e surgem de maneira positiva algo que fora estigmatizado pela sociedade de pouco mais de vinte anos anteriores das matérias. Outra questão a ser analisada diz respeito ao fato de que enquanto muitas cidades apagam da memória oficial segmentos sociais considerados marginais, aqui em Londrina ela busca ser integrada à memória da cidade.

2. PARA ANÁLISE DOS PERIÓDICOS

As fontes analisadas foram jornais da Folha de Londrina que datam dos anos de 1990 a 2007. Esse recorte temporal corresponde à primeira reportagem da década de 1990 que fala sobre a Vila Matos e a prostituição na década de 1950 a 1960 e em 2007 existe a continuidade da produção de memória a respeito da cidade e da Vila Matos.

As fontes principais são duas reportagens de 1991 que relatam a morte de duas das cafetinas que possuíam duas das grandes casas de prostituição em 1950. As demais reportagens foram fontes de apoio para entender as memórias produzidas.

As mortes dessas cafetinas aparecem rememorando a Londrina de 50 e 60, com as lembranças daqueles que tiveram contato com a Vila Matos ou com elas, assim surgem uma série de reportagens que confere a Vila Matos como a área de meretrício nas décadas de 50 e 60.

Para analisar as reportagens que aparecem nos periódicos, fundamentamo-nos no trabalho de Tania Regina de Luca (2008), que faz alguns apontamentos relativos à pesquisa através dos periódicos. De acordo com esta autora, ao delimitar as fontes que serão utilizadas é preciso localizar as publicações na história da imprensa, caracterizar o responsável pela publicação, identificar os principais colaboradores, identificar o grupo que se destinava a identificar as fontes de receita e por fim fazer a análise de todo o material em torno da problemática escolhida. (LUCA, 2008).

Também nos pautaremos nos estudos de Maria Helena Rolim Capelato (1994) que realiza reflexões a respeito da imprensa como fonte histórica, pois tais reflexões possibilitam-nos pensar as fontes de maneira mais crítica. Ela realiza indagações metodológicas semelhantes à de Luca para a pesquisa.

2.1 OS PERIÓDICOS E A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA LONDRINENSE

Essa parte do trabalho corresponde à análise dos periódicos com enfoque nas reportagens referentes ao aniversário da cidade de Londrina, pois essas matérias buscam construir a história da cidade.

Para a construção da história da cidade foram utilizadas, em algumas reportagens, depoimentos e memórias de pessoas que viveram na cidade em seus primórdios. Assim Jacques Le Goff define memória como:

O conceito de memória é crucial. Embora o presente ensaio seja exclusivamente dedicado à memória tal como ela surge nas ciências humanas (fundamentalmente na história e na antropologia), e se ocupe mais da memória coletiva que das memórias individuais, é importante descrever sumariamente a nebulosa memória no campo científico global. A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 423)

No sentido de memória social, que é enfoque dessa pesquisa, ela se manifesta nas matérias que buscam moradores da cidade que vivia em seus primeiros anos de fundação, no qual suas memórias se apresentam individuais e coletivas, pois possuem como cenário principal a cidade de Londrina.

Ainda em relação à construção da história da cidade de Londrina Michael Pollak aponta que na “memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração” (POLLAK, 1989, p.03). Nesse sentido as reportagens de comemoração de aniversário se busca construir a história da cidade. Leme afirma que:

Anualmente a população londrinense é convidada, especialmente no mês de dezembro, aniversário da emancipação política do município, a celebrar a história daqueles que construíram aquela que hoje detém, com uma certa dose de ufanismo local, o título de segunda maior cidade do Paraná e a terceira do Sul do país.(LEME, 2009, p.04.)

A historiografia produzida a respeito da história de Londrina busca como fundo principal ou secundário questionamento a ideia de uma cidade fundada pela ordem e pelo progresso.

Dois trabalhos que possuem esse questionamento como fundo principal são de Sonia Maria Sperandio Adum e de José Miguel Arias Neto, os

demais trabalhos realizados rodam em torno dessa contestação por esses dois trabalhos serem bibliografia obrigatória quando o assunto é história regional de Londrina.

As pesquisas citadas acima abordam o momento da fundação da cidade até meados das décadas de 1960-70 e até o momento de produção dessas duas pesquisas percebe-se o discurso de uma cidade de Londrina fundada no progresso e na ordem.

Portanto, por meio da análise dos periódicos é possível notar que esse discurso a respeito da cidade de Londrina está presente no jornal Folha de Londrina, principalmente na construção da história da cidade, contudo também há a imersão das memórias a respeito da Vila Matos e outras memórias subterrâneas.

Pollak (1989) define memórias subterrâneas, como aquelas pertencentes a grupos dominados, esses são os marginalizados e as minorias. Essa, ao ser explorada, acaba entrando em disputa com a “Memória oficial”.

Em momentos festivos como o aniversário da cidade é frequente aparecer à construção da história da cidade associado à ideia de riquezas de terra da região, de ordem e progresso desde a sua fundação e que continua apesar dos contratemplos. José Miguel elucida que:

É inegável que as representações da cidade e da região como a Terra da Promissão e Eldorado eram estratégias propagandísticas. A primeira- elaborada pela Companhia de Terras- buscava atrair compradores de Terras na nova área em abertura nos anos trinta. A segunda objetivava atrair “braços para a lavoura”, ou seja, visava a formação de um mercado de/ mão - de -obra barata para a cafeicultura em expansão. (NETO, 1998, p.267)

José Miguel afirma que se pode verificar que a “representação do Eldorado e a do pioneiro constituem-se em um discurso público das elites da cidade de Londrina e do norte do Paraná nos anos cinquenta e sessenta” (NETO, 1998, p.102).

Essas representações propagadas nas décadas de 1950 a 1960 se incorporam na história da cidade de maneira que o pioneiro e a representação de Eldorado se tornaram parte do discurso oficial da história da cidade. Pode-se verificar esse discurso em muitas matérias e também na seguinte:

Fazia quatro anos e meio que uma clareira fora aberta no meio da mata virgem, numa área inicial de 515mil alqueires... Apesar quatro anos e meio separavam cronologicamente a chegada da caravana

pioneira que abriu aquela clareira no Patrimônio Três Bocas, hoje Londrina, caravana chefiada por um jovem filho de ingleses, George Craig Smith, então com 20 anos, mas esse curto espaço de tempo fora suficiente para a consolidação vertiginosa de um ambicioso projeto de colonização, que transformou a milenária mata virgem num dos mais bem-sucedidos e prósperos pólos de desenvolvimento do Brasil: a região Norte Do Paraná. (PEDRIALI, 1993, p.04)

O discurso a respeito da presença dos ingleses como colonizadores é intensamente explorado nesses momentos de construção da história da cidade como nas comemorações referentes ao aniversário dela.

Através desse discurso é possível perceber a construção da participação dos ingleses como uma façanha ousada e de caráter aventureiro. Arias Neto afirma “que a atuação britânica aparece na maioria dos relatos não apenas como um empreendimento privado- venda de terras- mas sim, uma missão de elevado interesse público posto que transforma o sertão em civilização”(NETO, 1998,p.268).

Além do momento de desbravamento e fundação da cidade de Londrina, ainda é explorado a região e sua economia do café que se estendeu da década de 40 até o final da década de 60.

Mesmo colocando o status da cidade como capital mundial do café no passado, os valores que os trabalhos sobre história regional contestam que são uma cidade fundada na ordem, no trabalho e no progresso, valores que permanecem no discurso a respeito da cidade. Desse modo temos uma reportagem que recorda a economia da região de Londrina destacando sua riqueza, e se inicia da seguinte maneira.

Não é sem mérito que Londrina foi considerada por muitos anos como a **Capital Mundial do Café**, pois nas décadas de 40, 50 e 60, quando já era respeitada como pólo regional, a cidade dividia importante fatia com outros municípios do Norte do Paraná no cultivo de 1 bilhão e 350 milhões de covas de cafeeiros, com uma média de 4 a 6 pés por cova. Isto, sem dúvida, era uma produção assustadora, ajudada pelo clima e pela alta qualidade da terra. (CRUZ, 1994, p.33.)

A busca por um passado grandioso e financeiramente opulento é transmitido pelas reportagens nesse momento de crise econômica. Le Goff afirma que a “memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p.467). Esse passado é explorado em Londrina, com os ingleses e com a

derrubada da matada região, na fundação da cidade exaltando a terra fértil, na década de 1950 com a economia cafeeira.

Nesse sentido de construção do passado através de memórias, Márcia Pereira dos Santos afirma que:

[...] o passado emerge quando o hoje o permite. E isso se dando de diversas formas, segundo diferentes necessidades de quem recorre a esse passado. O ato de memória reveste-se assim de uma intencionalidade que transcende a perspectiva de “conhecer o passado”, reconstruí-lo, propondo-se, nesse caso, a revivê-lo, na sua passionalidade, na capacidade de deixar vir à tona as memórias, com toda a carga afetiva que elas possuem e que irá, também, delimitações e reações necessárias ao exercício político, seja ele individual ou coletivo, marcando identidades e lutas. (SANTOS, 2007, p. 85)

A intencionalidade dessas reportagens que buscam construir a história da cidade, independente do momento explorado, é destacar um Paraná e principalmente a cidade de Londrina como modelo de uma cidade em progresso e opulência econômica desde sua fundação até o momento das reportagens analisadas.

Esse discurso de vencedores, com o triunfo individual, anda junto com os discursos de uma terra da bonança, e é uma continuidade do discurso que se inicia em 50. E aparece nas reportagens a respeito das cafetinas Laura e Selma que será analisado no próximo tópico.

Continuando a reportagem citada anteriormente, a ideia de uma terra rica, de um solo fértil na região do Paraná também é destacado como uma terra receptiva ao café, um produto de exportação de peso do Brasil nas décadas de 1920 até início 1960. Contudo não é explorada apenas a fertilidade da terra, são apresentados os aspectos “negativos” da terra roxa, principalmente na região de Londrina, os “causos” da terra enlameada em tempos de chuva ou do pó em tempos secos.

As reportagens comemorando o aniversário de Londrina buscam sempre suas raízes na Companhia de Terras do Paraná e uma identidade - ora o inglês ora o pioneiro ou em ambos.

Esse discurso que parece estar solidificado na sociedade londrinense é perceptível através de uma entrevista com três homens que chegaram à

fundação da cidade. Também são explorados alguns casos que acabam contradizendo o discurso de ordem e progresso na fundação da cidade.

Folha de Londrina: Quem abriu a primeira estrada em Londrina?

Francisco Licha: Foi Carlos Strass em uma turma comandada por ele, em 1930, Carlos e seu irmão Hans Strass, desde 1927 já estavam aqui com Carlos Sholemberg, Hans Steinle, Richard Rile, Frederic Lambe, Reinhol Kirseching e Reinhol Fischer. Eles abriram o caminho que ia da atual Rua Duque de Caxias até o Distrito da Warta.

Folha: Quem pode recordar Londrina de 1934?

Braga: Para mim não foi o Doutor Anísio o primeiro médico de Londrina. O primeiro médico foi o Doutor Mila (não sabia o nome completo), um alemão que saiu daqui depois de matar um homem.

Folha: O que aconteceu com o Doutor Mila?

Licha: O Doutor Mila matou para limpar a sua honra. Sua mulher andava com o engenheiro da estrada de ferro, que eu não lembro o nome. O engenheiro, para avisar quando estava chegando na cidade mandava o maquinista apitar três vezes quando passava perto da rua onde o Doutor Mila morava. O médico descobriu tudo e matou o engenheiro com três tiros. O Doutor Mila acertou os tiros para não matar na hora. Ele deixou sofrendo por dois dias.

Licha: Sim, este foi o primeiro homicídio registrado em Londrina. O Doutor Mila não matou a mulher. Ele fugiu em um pé-de-bode, apelido de automóvel da época, da Companhia de Terras, dirigido pelo Rodolfo Koch. Até hoje ninguém sabe o fim que levou.

Braga: Eu lembro de um homicídio insolúvel até hoje na cidade. A vítima era o Fausto (não lembro do nome completo), que trabalhava na guarda-livros. Ele levou um tiro no coração. O crime aconteceu nas proximidades da Igreja onde hoje é a catedral.

Folha: Acidade era violenta em 1934?

Licha: Não era. A gente se dava com todo mundo e podia sair de noite, a qualquer hora

Braga: Não havia ladrão. As confusões e as brigas aconteciam nos bailes, quando a moça “dava tábua”, não aceitava dançar quando era convidada. Uma moça foi morta porque “deu tábua” num cara e saiu dançando com outro. O rapaz era de fora. Deu a facada na moça e fugiu.

Folha: como era a vida social londrinense naquela época?

Licha: a primeira festa pública que aconteceu em Londrina foi para angariar fundos para a Escola Alemã. A festa foi em 1931, numa casa da Rua Santa Catarina, esquina com a Rua Brasil...

Braga: Um momento. Se era na esquina da Rua Brasil, na época ficava a zona de meretrício.

Licha: Ainda não era a zona. O meretrício naquela rua começou por volta de 1932.

Braga: Quando eu cheguei em 1934, ali ficava a casa da famosa Cidica, que depois foi amasiada com um jornalista, quando a zona foi transferida para a região onde hoje fica a nova Rodoviária. Ficou famosa como “Boca do Tiba”

Folha: Naquela época como se namorava em Londrina?

Braga: Primeiro existia mais homens do que mulher. A maioria do pessoal voltava para a sua cidade de origem para casar.

Licha: É infelizmente existia mais homens do que mulher (gargalhada).

Folha: Era difícil conseguir emprego na cidade?

Licha: Em Londrina os empregos normalmente eram de caixeiro nas lojas. Era difícil se conseguir ser caixeiro. Quem conseguia era depois muito respeitado. Mulher não trabalhava fora. Na maioria das vezes somente a família de proprietários trabalhava no balcão. Afora ser

caixeiro, a única opção era trabalhar para a Companhia de Terras. (UBIRATAM, 1994, p.12)

O discurso apresentado em muitas reportagens e muito discutido pela historiografia regional de Londrina, de uma cidade ordenada, é desconstruído pelas reportagens no qual esses homens comuns exprimem suas memórias a respeito de Londrina.

Assuntos polêmicos como homicídios, a área de meretrício e a dificuldade em relação a conseguir emprego, são expressos nas falas desses homens e contrapõe o discurso oficial da cidade apresentado em muitas reportagens.

A memória expressa por esses homens desmistifica o passado da cidade de Londrina ao contradizer questões solidificadas na cidade como, por exemplo, o trabalho fácil na cidade e a promessa de obter riquezas.

Existem momentos que essas memórias que contradizem a “memória oficial” de Londrina entram em cena e são denominados por Pollak como subterrâneas. Elas entram em disputa ao contradizer a memória de uma cidade ordenada e harmônica em sua fundação.

Também é possível perceber a expressão da memória da prostituição através de uma festa que aconteceu na região da Rua Duque de Caxias. Apesar da negação na fala de seu Licha¹, de acordo com trabalhos analisados no capítulo anterior é possível saber que havia o funcionamento da área de prostituição nessa região.

Do mesmo modo é possível perceber a memória da prostituição através da rememoração da figura de Cidica, uma dona de casa de diversão na cidade que não possuía um patrimônio tão notável como de Selma ou de Laura - e permanece na memória desses homens, pois possivelmente era uma casa que seu poder aquisitivo permitia frequentar.

Essas reportagens que buscam construir a história da cidade possuem um discurso de felicidade e de harmonia, assim elas buscam construir uma cidade ideal - embora como relatado em alguns pontos das reportagens a cidade perfeita que se busca construir está apenas no plano ideal. Adum discorre sobre o assunto:

¹ Seu Lichaé um dos homens que participou da entrevista da matéria analisada anteriormente.

Apesar da visão idealizada, ou, do “discurso de felicidade” que se tem produzido e reproduzido, pensamos ser o movimento do capital algo que ocorre sempre de forma violenta. A instituição desta nova ordem tem como eixo a expropriação de terras e homens, levando à construção de novo comportamento e novas formas de vida que sempre se tentam impor aos dominados. (ADUM, 1991, p. 12).

O período que mais se buscam construir a história cidade de Londrina e do norte do Paraná através desses jornais se estende de 1990 a 1994. Após esse período, ainda que se reporte sobre a história da cidade, é enfatizado o presente e o período de superação econômica.

Os jornais diários que reproduzem as reportagens no âmbito econômico salientam a crise econômica. Notícias no caderno econômico sempre remetem à inflação, aos reajustes nos preços da cesta básica e ao desemprego. O ano de 1994 foi um momento que se viu destacado êxito do plano Real. Assim:

Em relação aos aspectos positivos, observa-se que dois ainda persistem, a queda e controle da inflação e o aumento da competitividade de determinados setores da economia brasileira, em decorrência do aumento da aparente produtividade. Já outros aspectos surtiram efeitos somente no curto prazo, como a pequena distribuição de renda observada até o final de 1994, quando a economia se reajustou aos novos níveis de preço; elevação da taxa de crescimento da economia no primeiro ano; aumento nos níveis de renda, impacto positivo nos balanços das empresas no ano de 1994, além da desindexação da economia. (CAMARGOS, 2002, p.06.)

O discurso de uma cidade como uma metrópole aparece em reportagens que comemoram os aniversários da cidade, elas propagam a história da cidade desde a sua fundação, enfatizando a década de 1950 chegando aos dias das matérias.

A cidade ainda possui problemas sociais citados no capítulo anterior como, por exemplo, habitações populares denominadas favelas que ainda eram vistas como um problema social na década de 90, insegurança e desemprego.

Contudo, apesar do momento econômico do início da década de 1990, a cidade é destacada por seu crescimento econômico como é possível notar na reportagem:

Se o orgulho ufanista dos tempos da “Capital Mundial do Café” arrefeceu um pouco; se o Eldorado cantado em prosa e verso perdeu um pouco do brilho, nem por isso perdeu o otimismo e o amor pela

terra- sentimento que empurra a cidade para frente, valores que contaminam os que aqui chegam verdadeiros pilares a sustentar um povo que, com muito trabalho e fé no futuro, em 57 anos construiu a terceira maior cidade do Sul do Brasil. (OGAMA, 1991, p.11)

Pollak afirma que o “passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida” (POLLAK1989, p.10). Assim os discursos construídos na década de 50 têm continuidade na década de 1990.

Na reportagem a seguir é possível perceber essa projeção para o futuro através do âmbito econômico em um momento que inicia a estabilidade econômica, resultado do plano Real. A reportagem a seguir expressa essa projeção para o futuro, partindo do passado:

Passados o ciclo do café (que terminou com a geada de 1975) e o *boom* da construção civil (que durou de 76 a 90), as autoridades políticas e empresariais começam a defender mais firmemente a industrialização como forma de aumentar o número de empregos e a arrecadação de impostos em Londrina... “Se pudermos colocar tudo isso em prática, realmente Londrina nos próximos três a quatro anos, por um novo surto de crescimento. Ao lado disto, precisamos nos firmar como um pólo tecnológico e continuar reforçando o setor de prestação de serviços como a construção do Centro de convenções” diz o presidente da Acil. (COSTA, 1996, p.04)

Para Le Goff se a “memória faz parte do jogo do poder, ficam autorizadas as manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade” (LE GOFF, 1990, p.34).

Após a análise dos periódicos é possível notar que a construção a respeito da história da cidade está ligada principalmente ao momento econômico que o país passa. Nesse sentido Gagnebin afirma que:

A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado não sendo um fim em si mesmo, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2001, p. 91).

Desse modo as memórias que exploram e exaltam as transformações econômicas da região de Londrina, destacando seu êxito financeiro, revelam o momento de crise econômica, contudo uma projeção de melhoras para um futuro próximo.

Apesar de se buscar construir uma memória relacionada à opulência econômica da cidade, há momentos em que surgem memórias de segmentos marginalizados outrora como, por exemplo, a área de meretrício da cidade.

Essas memórias que contradizem o discurso oficial da cidade são denominadas por Pollak “como memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e, de maneira quase imperceptível, afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (POLLAK, 1989, p.2).

Essas memórias entram em disputa ao contradizerem, no caso de Londrina, o discurso de uma terra de felicidade, o Eldorado e da ordem. Prosseguido a esse trabalho o próximo tópico analisará as memórias produzidas a respeito de duas cafetinas da década de 1950 de Londrina e a disputa que essas memórias produzem quando deparado com a memória oficial a respeito da cidade.

3. MEMÓRIAS DA VILA MATOS

Duas reportagens foram realizadas em meses muito próximos do ano 1991 transmitindo a morte de duas mulheres. A primeira foi de abril com o seguinte título “Morreu Selma, a Rainha da Zona” (THEODORO, 1991, p.12) e a segunda em julho com o título “Morreu Laura: a última dama da noite” (DA EDITORA, 1991, p.08).

Contudo quem foram essas mulheres no qual o título de ambas as reportagens sugerem que possuíram uma vida social noturna badalada? E qual sua importância para aparecer nesse jornal que se classifica nesse período como o maior da cidade e da região? Afinal quem foi Laura e Selma?

Essas duas mulheres possuíram os dois grandes bordéis na cidade dentre os muitos que havia na Vila Matos, no período de 1950 e 1960. Elas reaparecem através de memória nas matérias que relatam suas vidas. Pouco se sabe sobre essas duas mulheres, com exceção das reportagens ou pessoas que tiveram contato com elas.

Através dos periódicos é possível perceber e analisar as mudanças e permanências na sociedade se comparar os jornais analisados nas décadas de 1950 a 1960 e as de 1990 a 2007. Uma das mudanças mais significativas que se pode perceber é a do papel da mulher na sociedade.

Mudanças em relação à mulher se tornam evidente nesse período fruto das lutas feministas ocorridos nos Estados Unidos na década de 70 que acaba atingindo o Brasil posteriormente. As mulheres são vistas como agentes ativos de sua própria história, elas são seres independentes possuem o direito do divórcio, dominam o mercado de trabalho entre outras conquistas.

Como é possível notar na reportagem a seguir, posturas comuns na década de 1950-60 são colocadas como conservadoras pela sociedade de 1990, pois de fato para os padrões sociais de 1990 as práticas e papéis das mulheres de outrora são denominados conservadores. A matéria discorre sobre casamento e fala que:

Educada em um ambiente excessivamente conservador, Clarisse foi treinada para casar e acabou desenvolvendo uma mentalidade compatível com o conceito, Seus pais não paravam de repetir “Seja uma menina prendada, mantenha-se pura, pense pouco, evite riscos e seja feminina. Agindo assim é claro que você vai ter que depender

de alguém mais forte para cuidar de você”. Aos 14 anos Clarisse encontrou o homem de seus sonhos, casou-se aos 16 e continua até hoje, 26 anos depois, infeliz e sem perspectiva.

A história de Norma Peixoto não difere muito das anteriores, a não ser no desfecho. Ela também teve uma educação tradicional, própria das gerações anteriores à década de 60, casou-se com 17 anos, teve dois filhos e procurou ser feliz dentro das possibilidades que na época eram as melhores possíveis. Mas os tempos mudaram e Norma acompanhou essa evolução que acabou ocasionando o fim de seu casamento... Clarisse revela que tem procurado aconselhar os filhos a não se casarem muito jovens. “Graças a Deus os três já tiveram seus primeiros amores e saíram ilesos. Minha filha já concluiu um curso superior, está noiva e pretende casar no próximo ano, quando completará 25 anos. (BARBOSA, 1991.)

Assim umas das hipóteses levantadas para a aparição das mortes das cafetinas que possuíam os grandes bordéis da década de 50 que se localizou na Vila Matos, é o poder socioeconômico que essas mulheres possuíam e um período no qual a mulher estava destinada ao lar e o casamento.

Essas duas mulheres, dentre as que possuíam casas de diversão na Vila Matos, permaneceram na memória daqueles que tiveram contato com esse mundo como boêmios e pessoas que conviveram nesse espaço

Os jornais ao mesmo tempo em que reporta a morte de Laura, rememora a Londrina de 1950-60 como uma cidade abastada em consequência do período auge do café. Assim:

Laura Martins e sua casa noturna fizeram trepidar a antiga Vila Matos de Londrina nos anos 50 e 60. Depois, em São Paulo, ela construiu um pequeno império e exerceu, com muito charme, uma incontestável influência política. Morreu milionária, aos 65 anos. (EDITORIAL, 1991, p.08)

A reportagem apresentada deixa explícita a influência social e econômica que ela exerceu desde a década de 50 até os dias de sua morte. O restante da reportagem procura ressaltar sua influência política na cidade de São Paulo, obtida através de sua casa de prostituição.

No momento que Laura morre ela morava na cidade de São Paulo, onde abriu um dos maiores estabelecimentos de casa de diversão. No início da década de 60, como citado no capítulo anterior, os maiores bordéis começaram a deixar a cidade de Londrina em busca de cidades maiores como São Paulo e o Rio de Janeiro, e essa situação ocorreu com Laura e Selma.

Outra reportagem relata a morte de outra dona de um grande bordel do mesmo período, contudo a conhecida Selma ao contrário de Laura, não morreu milionária, mas com poucos imóveis na cidade de São Paulo. Temos na aberturada reportagem a seguinte apresentação:

Ela chegou a Londrina de mala nas mãos no final dos anos 40- no tempo em que o dinheiro do café corria solto. Leda Olivieri construiu um bordel famoso, fez fortuna e gravou em neon um dos maiores nomes da Londrina boemia. (THEODORO, 1991.p.12)

Apesar de situações financeiras distintas a influência social dessas mulheres é destacada como aquelas que conseguiram obter fortuna na cidade do Eldorado.

Como discutido anteriormente, o discurso de uma Londrina como a cidade “Capital do Café” estão presentes em muitas das reportagens analisadas, e nessas que relatam a morte dessas duas mulheres e do restante que rememora a Vila Matos.

Ainda contextualizando a ideia de Capital do Café, criando um status referente à memória da cidade temos uma reportagem com Seo Plínio, um homem que trabalhou na Vila Matos em sua juventude e temos o seguinte chamado abaixo do de seu nome de abertura:

Na virada dos anos 50 para 60, a noite londrinense era uma festa sem fim. Nas casas noturnas, desconhecidos, subitamente enriquecidos pela cafeicultura, gastavam a rodo e se esbaldavam em diversões mil. A noite era embalada por conversas, bebidas, carteados, danças e muito, muito sexo. Quem era jovem e tinha algum dinheiro naquela época não consegue se esquecer das madrugadas da Capital Mundial do Café. (MENDONÇA, 2007, p.03)

A sua chegada a cidade também é contada e apresenta a mesma idéia de uma cidade em crescimento devido à imagem de um lugar de crescimento econômico devido o café. Assim pode-se perceber na seguinte reportagem:

Veio a Londrina em 1959 para trabalhar direto na boate Diana [...] Era uma época de ouro. Eu era rapaz e Londrina era uma cidade sensacional. Tinha tudo o que um jovem aventureiro podia querer: bebidas, mulheres e dinheiro. Cheguei aqui sem dinheiro. Eu e um amigo dissemos que um sujeito tinha nos mandado para cá. Chegamos a almoçar no Country Club! Quando chegou a noite, já tínhamos arrumado serviço. (MENDONÇA, 2007, p.03)

Adjetivos que caracterizam a opulência da cidade são constantemente utilizados para descrever a cidade nas décadas de 50 e 60. A memória a respeito da cidade também está ligada a sua bonança financeira.

Nesse sentido de se destacar a opulência da cidade temos outra reportagem, que busca construir a história da cidade ressaltando a área de meretrício para a diversão de homens.

Gente arrojada de todos os pontos do País e do estrangeiro foi atraída a Londrina para, pessoalmente, conhecer sua fama de deixar uma pessoa rica do dia para a noite. Apesar do barro, da poeira e das precárias acomodações em hotéis e pensões, aventureiros misturavam-se para arriscar tudo na busca de fortuna rápida. Mas nem tudo se resumia a negócio. Era preciso ter diversão para a distrair enormes contingentes de pessoas...Mas a atração principal, sem dúvida alguma, ficou por conta da histórica zona do meretrício, a “zona”, que começou em um trecho da Rua Rio Grande de Sul, hoje Rua Brasil, entre a Av. Celso Garcia Cid e a Rua Maranhão, depois foi “expulsa” para a Vila Matos, onde se localiza atualmente a nova Rodoviária.(CRUZ,1994, p.31)

As mudanças no âmbito moral e o espaçamento de tempo necessário para a construção da memória possibilitou que essas mulheres, principalmente as cafetinas, e a Vila Matos fossem lembrados como algo positivo integrado à memória da cidade na medida em que os periódicos publicavam matérias sobre esses.

O estigma que a Vila Matos possuía anteriormente, por ser uma área destinada a prostituição, discutido no capítulo anterior não é citado nas reportagens, pois elas estão carregadas de saudosismo e o comércio sexual é colocado de lado ou exaltado.

O sexo nesse período não é mais tratado como tabu, ou seja, passa a ser mais discutido, falado, embora ainda relacionado ao casamento, como na década de 50 e 60 Ribeiro (2004), ao destacar que nesse período valores morais sempre estiveram presentes na vida dos indivíduos, mas foram adquirindo novos significados. A matéria contextualiza a história da prostituição na cidade e se inicia assim:

A zona de Londrina nasceu com a cidade. De 1938 a 1948 funcionou na Rua Rio Grande do Sul- atual Rua Brasil- no espaço compreendido entre a Avenida Celso Garcia Cid e a Rua Sergipe. Pressionado pela sociedade (gente que não saia de lá, mas que queria levar para bem longe dos olhos de sua família aquele verdadeiro palco dos prazeres armado bem próximo ao centro da

cidade), o então delegado Edmundo Mercer, transferiu a zona para a antiga Vila Matos, local onde o prazer, a sexualidade, o espírito festeiro e libertino do povo da terra, transformaram aquele pedaço num dos maiores espetáculos da prostituição no País. (THEODORO, 1991.p.12)

O início da matéria que reporta a morte de Selma contextualiza brevemente o espaço de funcionamento do meretrício na cidade. Ela possui um tom de saudosismo em relação aos freqüentadores das casas.

Além disso, é possível notar a transformação de valores na sociedade, o sexo e a libertinagem possuem um tom positivo na fala do jornalista, já que em suas palavras a prostituição na cidade era um verdadeiro espetáculo. E continua:

Mas não era só: a Londrina dos anos 50 e 60, além da zona de meretrício, era literalmente cercada por mulheres da vida- nos quatro cantos da cidade o prazer tinha endereço na “chacrinhas” onde os homens iam exercer suas mais estranhas fantasias sexuais- coisas do arco da velha aconteciam na noite londrinense de 30, 40 anos atrás [...]Era realmente o Eldorado que diziam em Curitiba, onde eu morava. Dinheiro rodava a bangu,a gente vendia o que queria. Não fui embora. Como a única coisa que viajante procurava, quando viaja, é o jogo de baralho, as putarias... (THEODORO, 1991.p.12)

Contudo esse ato de aceitação em relação à prostituição, essa postura ocorre apenas quando situação ocorre no passado, na Vila Matos e na década de 50, pois a prostituição ainda permanece um “problema” social em Londrina no período dessas publicações.

Buscando proporcionar uma leitura humorada e agradável foram explorados casos engraçados que ocorreram na Vila Matos especificamente na boate de Selma, com muitos nomes conhecidos de grandes figurões da cidade nessa época.

Os conflitos ocorridos entre a sociedade e a área de meretrício são silenciados nessa reportagem, ao contrário ela narra uma Londrina harmônica mesmo em segmentos sociais marginalizados nesse período. Na reportagem a seguir temos o seguinte argumento:

Interessante é que, apesar do ambiente ser propício a para a confusão, brigas e desavenças não aconteciam com frequência. “Claro que um homem casado, empresário de responsabilidade, não queria de forma alguma se envolver neste tipo de coisa... O negócio era tomar uísque Cavallo branco, vodka e conhaque de marca e, no final da noite, todos iam ao meu restaurante para a famosa canja ou para saborear o arroz- de -puta. (CRUZ, 1994, p.31)

Ao argumentar sobre a ausência de brigas e violência na área de meretrício, é atribuído ao fato de que homens casados e empresários freqüentavam esse ambiente, pois esse público seria pertencente às camadas medias e altas da sociedade. Contudo havia vários homens de diferentes segmentos que frequentavam a Vila Matos.

Mesmo construindo essas memórias harmônicas, elas são o que Pollack denomina como memórias subterrâneas, ela pertence a um grupo marginalizado socialmente por se tratar da prostituição. Pollack aponta que:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial". (POLLAK, 1989, p.02).

As falas de pessoas que tiveram contato com esse mundo estão ligadas principalmente a homens que trabalharam na Vila Matos e assíduos freqüentadores os boêmios.

Em nenhuma das reportagens aparece o relato de mulheres que trabalharam ou frequentaram a Vila Matos, a construção de memória ficou restrita apenas a homens.

As memórias apresentadas nos periódicos são ao mesmo tempo individuais e coletivas, as reportagens se utilizam da história de vida dos entrevistados que tiveram contato com a Vila Matos e a memória acaba sendo coletiva por ser um grupo que se identifica como boêmios. Pollak elucida a questão de memória individual e coletiva.

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p.02)

Um exemplo de memória que acabou se tornando coletiva para aqueles que tiveram contato com a Vila Matos é o incêndio do estabelecimento de Laura, esse episódio é sempre retratado com tristeza:

Seo Plínio diz que conhece muitas histórias interessantes envolvendo Laura... Mas educadamente se recusa a contar. Porém, seo Plínio lembra-se com tristeza de uma passagem que o marcou. Foi o dia em que a boate de Laura pegou fogo: “Isso foi por volta de 1962 ou 1963, não sei precisar o ano. Mas foi o seguinte: alguém esqueceu uma vela acesa em cima do guarda-roupa. A vela se consumiu e ateou fogo no imóvel. Abriram a porta do quarto e o fogo saltou pras paredes da casa. As mulheres ficaram só com a roupa do corpo. (MENDONÇA,2007, p.03)

Mesmo não estando presente no ocorrido em sua fala ele narra os acontecimentos de maneira detalhada como se estivesse presente, relatando as causas do incêndio e seu início.

Como citado anteriormente às memórias ficaram restrita a boêmios e homens que trabalharam na região da Vila Matos. Em sua dissertação de mestrado Benatti classifica o que seria o boêmio para a sociedade contrapondo com o falso boêmio. Ao boêmio estão ligadas todas as virtudes enquanto aos falsos todos os vícios da sociedade.

O boêmio tem todas as virtudes do cidadão ideal, o falso boêmio, todos os defeitos e vícios dos desclassificados de índole vagabunda. O verdadeiro boêmio é o homem que brinca o ser lúdico que ama os prazeres da noite... A boemia seria, para o bom moço, uma extravagância menor, um divertimento inocente que não acarretaria prejuízo nem representa nenhum perigo para a sociedade do bem. (BENATTI, 1996, p.205.)

O boêmio seguindo a definição de Benatti (1996) seria aquele homem que apesar de freqüentar lugares classificados como à margem, ele não pertence a ela. Pois segundo Benatti (1996) “o verdadeiro boêmio seria uma espécie de extravagante ocasional, mais aceito que estigmatizado, oriundo dos quadros sociais médios ou superiores, perfeitamente integrado à estrutura produtiva e aos valores dominantes da sociedade. De noite, um boêmio; de dia, um cidadão de prol”. (BENATTI, 1996, p.206).

A questão de identidade para Pollack não é algo que um grupo toma para si, contudo para ele é algo negociado assim ele coloca que:

Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios

de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLACK, 1992, p.05.)

Eles como um grupo ou para se identificarem como grupos deveriam ser aceitos socialmente, os verdadeiros boêmios por pertencerem a classes mais abastadas possuíam poder aquisitivo que possibilitava que, freqüentassem as casas mais luxuosas da Vila Matos. Além disso, também eram vistos positivamente pela sociedade.

Benatti, ainda em seu livro enfatiza o lugar de circulação dos denominados boêmios:

Para a elite boêmia, como vimos, o muquifo era um termo depreciativo que nomeava os espaços *pauperdo* baixo-mundo, lugar de prostituição barata, praticada por mulheres já declinantes no "capital beleza", valhacouto de criminosos e antro da malandragem pé-de-chinelo. Ponto de circulação de uma plebe urbana em permanente contato com o crime, essa região se definiria antes pelo perigo que pelo prazer. Toda uma lógica das diferentes territorialidades articulava essas gradações de lugares, interiores e ambientes. (BENATTI. 1996, p 206)

Deste modo fica claro que as memórias constituídas pelas reportagens do Jornal Folha de Londrina ficaram ligadas principalmente ao alto meretrício na cidade.

O baixo meretrício, como explorado no capítulo anterior, possui uma carga negativa perante a sociedade e não possui espaço em sua memória.

Apesar do silêncio há momentos que aparecem nas memórias casas um pouco menos luxuosas se comparadas as de Laura ou de Selma, mas que não é o que poderiam ser denominadas de casas do baixo meretrício. Essas que são lembradas seriam destinadas a uma população cujo poder aquisitivo não permitia frequentar as casas luxuosas. Temos uma reportagem da Folha que relata:

Os anos de maior movimento foram entre 1950 e início de 1960, conta Toninho, garantindo que a zona, pela freqüência de gente importante no ramo empresarial, contribuiu também para o crescimento de Londrina. "Noitadas históricas acontecem nas casas luxuosas, com belas mulheres... que vinham principalmente de São Paulo para celebrar o fechamento de grandes negócios"... Mas o pessoal mais humilde também tinha sua vez, pois funcionavam ainda, a Zina, Alice Batista, Palmira Loira, Palmira preta, Hilda e outras... Londrina chegou a ser considerada como uma das maiores do Brasil,

ocupando duas quadras fechadas e suas laterais. (CRUZ, 1996, p.31.)

Mesmo relatando casas de prostituição menos luxuosas que das de Laura ou Selma, é possível perceber que a preocupação consciente ou inconsciente é demonstrar a opulência da cidade nas décadas de 50 e 60 e a prostituição de luxo como conseqüência desse período áureo da cidade.

As memórias constituídas pelos boêmios deixam em silêncio a vida das prostitutas colocando-as apenas como belos objetos, os sentimentos, sofridos e vividos por elas são silenciados - a vivência humana está restrita apenas aos boêmios.

Não existem nesses jornais memórias de prostitutas a respeito da Vila Matos. Elas são silenciadas e Pollack denomina essa memória como Memória Envergonhada. Possivelmente essa vergonha seja reflexo de uma sociedade que apesar de produzir memória a respeito da prostituição ainda não aceita muito bem essa prática. Para Pollack “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado” (POLLAK, 1989, p.06), e discorre:

Por conseguinte, existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (POLLAK, 1989, p.06)

A essa memória das prostitutas e do baixo meretrício que são silenciadas Pollack as aponta como marginalizadas. Para este autor elas existem, contudo não possui espaço na memória oficial da cidade, pois essa ao ser apresentada poderia contrapor o discurso de uma cidade de ordem e em progresso mesmo em segmentos sociais marginalizadas como a prostituição. Apesar de Pollak fazer uma pesquisa a respeito da memória pós- guerra, seus conceitos se aplicam muito bem nessa pesquisa.

Assim é possível perceber pelo discurso que os conflitos ocorridos na Vila Matos são silenciados, a memória é construída de maneira harmônica e propaga o discurso de uma terra de felicidade muito questionado por trabalhos que tratam da história desta região.

Ao silenciar os conflitos ocorridos na área de meretrício, excluir de sua memória o baixo meretrício e colocar apenas em sua fala aspectos de opulência econômica da cidade, as reportagens pesquisadas produzem essa história criticada pela historiografia produzida nos últimos anos de uma Londrina fundada na ordem e no progresso.

Assim ao se realizar essas matérias e publicá-las nos jornais se propaga a idéia de uma Londrina da felicidade, da ordem e do progresso mesmo em segmentos sociais marginalizadas como no caso da prostituição.

A prostituição de luxo de certa maneira é aceita socialmente em Londrina, pois essa memória está ligada ao discurso de uma cidade que outrora foi a “capital mundial do café”. Assim essa prostituição de luxo acaba aparecendo como consequência desse período áureo da cidade.

Contudo mesmo buscando construir essa memória do alto meretrício e de essência harmônica, essas memórias são subterrâneas, pois elas não pertencem à memória oficial da cidade explorada anteriormente- uma cidade de pioneiros e ingleses, que possuíam como palavras chaves a ordem e o progresso.

Ainda que procurando integrar o meretrício à memória oficial ao explorar apenas seu lado “positivo” ela ainda pertence a uma prática marginalizada. Existem vários momentos na Folha de Londrina que essas memórias subterrâneas surgem e contrapõem a memória oficial. E sobre essas memórias, Pollak nos diz que:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante. (POLLAK, 1989, p.02).

A memória da Vila Matos e a memória oficial da cidade não entram em conflito, pois em sua construção se busca integrar ambas as memórias, e para se conseguir foram, como citado anteriormente silenciados vários personagens, como as prostitutas do baixo meretrício, os conflitos ocorridos e as próprias prostitutas que são destacadas apenas por suas características físicas- a beleza.

Nessas memórias a prostituta que fez da Vila Matos seu espaço de convivência e trabalho não aparece, a memória está restrita apenas as cafetinas que possuíam as casas mais luxuosas desse período, ou seja, mesmo em se tratando de uma prática marginal, a prostituição repete o mesmo pressuposto para “marcar a memória”: destaca lembra aquele que fez fortuna, que conseguiu, mesmo através de práticas reprováveis, enriquecer.

Sendo uma figura controversa, que gera discussões em todos os setores tanto acadêmico como no senso comum, Leite coloca a figura da prostituta como:

A prostituta é a maior antítese que poderia traduzir a imagem ideal da mulher (mãe) casada. É como uma roupa vestida ao avesso. Sem estudá-la, a imagem da mulher em nossa sociedade e seu perfil na história será sempre de um só lado. (LEITE, 2005, p.18)

O discurso a respeito da prostituta possui várias facetas, elas são consideradas desde vítimas da sociedade a decaídas, portanto será colocado brevemente as classificações em torno da figura da prostituta:

E nesse sentido que o pensamento regulamentarista defenderá a idéia da prostituição como um "mal necessário à própria civilização. O fundamento histórico dessa tese é muito antigo e tem certamente origens religiosas. Já no século V, um dos primeiros filósofos cristãos, Santo Agostinho, escrevia: "As prostitutas e outras pestes dessa natureza? Tirai da sociedade humana as prostitutas e tereis manchado tudo de volúpia."(BENATTI, 1996, p. 195-196)

Nessa visão da prostituta como um mal necessário, está associado à questão da liberdade sexual masculina, enquanto a mulher estava restrita a virgindade, o casamento e a maternidade, este tripé deveria ser seguido por todas as mulheres para serem consideradas honestas.

Outra visão é mais romântica, que aparece nos romances. A produção literária trata da prostituição como, por exemplo, em obras de Alexandre Dumas Filho e José de Alencar, em *Dama das Camélias* e *Lucíola*, como heroínas após sua morte.

Em outros momentos, a prostituta ganha um olhar mais "compreensivo" que acusatório. É quando, numa espécie de rousseaunismo, atribui-se à sociedade a culpa pela existência da prostituição: a prostituta como vítima de uma sociedade injusta, hipócrita e perversa. (BENATTI, 1996, p.196).

Em outros momentos elas são classificadas como degeneradas, vendidas, mulheres de sexualidade perigosa. A pesquisadora Margareth Rago na obra *Prazeres da Noite* define a prostituta como uma figura pública por excelência, que podia comercializar seu corpo como desejava, dissociando prazer e amor (RAGO, 1991, p.37).

Apesar dessas múltiplas visões e de definições em torno da figura da prostituta, defini-las se mostra uma tarefa complexa na medida em que ao se definir se generaliza os motivos e as particularidades que levaram essas mulheres a essa prática muito condenada socialmente.

Ao fim da análise dos periódicos é possível perceber que apesar das mulheres possuírem liberdades conquistadas, fruto de vários anos de luta, a prostituta como figura feminina ainda permanece estigmatizada. A elas não são atribuídos papéis considerados femininos como mães e\ou esposas, e as memórias produzidas a respeito da prostituição em Londrina apenas são possíveis porque são produzidas por boêmios.

Além disso, elas pertencem ao alto meretrício, que é atribuído a um período áureo da cidade devido à economia do café. Essas memórias de boêmios expressam as permanências de alguns valores, como se ao gênero masculino estivessem acessível todos os prazeres da vida sem discriminação ou julgo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da história de Londrina encontra-se manifestada de muitas maneiras e também através das páginas do jornal Folha de Londrina. Após essa breve análise é possível perceber que ela ocorre principalmente em momentos festivos como no aniversário da cidade.

Essa construção da história e da memória londrinense está de fato muito ligada a personagens que fizeram parte da expedição “inglesa”, com personagens que chegaram primeiro e se destacaram como sendo os pioneiros. Para Le Goff, a “memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade” (LE GOFF, 1990, p.34).

Contudo mesmo apresentando essas memórias das classes dominantes, de pessoas que fizeram riqueza na cidade, há momentos em que aparecem e contestam essa memória harmônica que se busca propagar. Como já discutido anteriormente, Pollak as denomina como subterrâneas.

A memória da prostituição londrinense é propagada com o mesmo padrão do pioneiro, busca destacar pessoas que conseguiram obter fortuna no “Eldorado”. Porém ela não deixa de ser uma memória subterrânea por ser parcela de uma camada marginalizada socialmente.

A memória subterrânea da prostituição acaba seguindo esse padrão do pioneiro citado anteriormente, pois seguindo Pollak (1989) a memória subterrânea quando emergem podem entrar em tabus conservadores, assim o autor elucida:

Este exemplo mostra a necessidade, para os dirigentes, de associar uma profunda mudança política a uma revisão (auto) crítica do passado. Ele remete igualmente aos riscos inerentes a essa revisão, na medida em que os dominantes não podem jamais controlar perfeitamente até onde levarão as reivindicações que se formam ao mesmo tempo em que caem os tabus conservados pela memória oficial anterior. POLLAK, 1989, p.03

Ao cair em tabus conservadores, como citado anteriormente, é silenciado dessa memória a voz e memórias das prostitutas e o baixo meretrício. Mesmo seguindo essa definição de Pollak, a memória da prostituição possui sua importância para a construção da história da cidade.

Essa memória manifestada através das matérias apenas é possível, pois segundo Le Goff, “cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica” (LE GOFF, 1990, p.467).

Assim é possível perceber que a história e a memória para a sociedade é fundamental, na definição de Le Goff, “à medida que a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. (LE GOFF, 1990, p.476).

FONTES PRINCIPAIS

Jornal Folha de Londrina

DA EDITORA da reportagem. Morreu Laura: a última dama da noite. **Folha de Londrina**. Londrina 11 de jun. de 1991. Caderno Reportagem, p.08.

THEODORO, Apolo. Morreu Selma, a Rainha da Zona. **Folha de Londrina**. Londrina 07 de abr. de 1991. Caderno Reportagem, p.12.

FONTES DE APOIO

Jornal Folha de Londrina

BARBOSA, Angela Raizer... e o primeiro namorado virou marido. **Folha de Londrina**. Londrina. 07. Jun.1991. Caderno Comportamento.

BUSKOWSKI fechou a zona de meretrício. **Folha de Londrina**. Londrina. 09 de jan. de 1966, p.15.

CRUZ, Rui Santa. Capital mundial do café, com mérito **Folha de Londrina**. Londrina 10 de dez. de 1994. Especial 60.p.33.

CRUZ, Rui Santa. Zona era famosa no Brasil inteiro. Londrina. 10 de dez. de 1996. Caderno Especial. 31.

COSTA, Osmani. Ordem agora é industrialização **Folha de Londrina**. Londrina. 10 de dez. de 1996. Caderno Especial. P.04.

DESRESPEITO ao pudor. **Folha de Londrina**. Londrina, 26 de ago. de 1953.

JUSTIÇA notifica a Polícia do fechamento de bares na Vila Matos foi arbitrário **Folha de Londrina**. Londrina. 04 de fev. de 1965, p.06.

MENDONÇA, Mauricio Arruda. Veteranos da Noite. **Folha de Londrina**. Londrina 28 de Jul. de 2007. Caderno História de Londrina, p.03.

O MERETRÍCIO e sua defesa. **Folha de Londrina**. Londrina 26 de jan. de 1966. Destaque. p.03

MORADORES das proximidades do Jardim Elena e Vila Matos fazem apelos: transferência do meretrício. **Folha de Londrina**. Londrina. 07 de mar. de 1963, p.16.

OGAMA, Wagner. Os desafios da metrópole do norte. **Folha de Londrina**. Londrina 10 de dez. de 1991, p.11.

PEDRIALI, José Antonio. Uma Clareira é aberta em meio á floresta. Chegam os colonizadores ingleses. **Folha de Londrina**. Londrina 10 de dez. de 1993. Especial Norte do Paraná. p.04.

SANTA casa está vendendo datas para a nova zona do meretrício. **Folha de Londrina**. Londrina. 12 de mar.1966, p.16.

SILÊNCIO na Rua Brasil: Fechada as Portas na “Rua Do Pecado”. **O Combate**. Londrina. Set. 1955.

UBIRATAM, Paulo. Quem chegou antes conta a história. **Folha de Londrina**. Londrina 10 de dezembro de 1994. Especial 60 anos. p.12.

REFERÊNCIAS

ADUM, Sônia Maria Sperandio. **Imagem do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis. 1991.

BACELAR, Jeferson Afonso. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos Dourados. In: Mary Del Priori (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 6. ed. São Paulo:Contexto, 2004.

BENATTI, Antonio Paulo. **O Centro e as Margens: Boemia e Prostituição na “capital mundial do café” (1930-1970)**. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz. Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BURKE, Peter. História como memória social. In_____ **Variedades de história cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CAMARGOS, Marco Antônio de. Reflexos sobre o cenário econômico brasileiro na década de 90. In: XXII **Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. 22. Curitiba. 2002. p.01-08.

CASTRO, Rosimeire Aparecida Angelini. **O Cotidiano e a Cidade: Práticas, Papéis e Representações femininas em Londrina (1930-1960)**. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 1994.

CAPELATO, Maria Helena Rotim. **Imprensa e história do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: EDUNICAMP, 2001.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEITE, Gabriela Silva. **Eu, Mulher da Vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- LEITE, Juçara Luiza. **República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. São Caetano do Sul: Yendis Editora, 2005.
- LEME, Edson Holtz. **Noites Ilícitas**. 2ed. Londrina: EDUEL, 2009.
- LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi.(Org). **Fontes Históricas**. 2 ed.São Paulo:Contexto, 2008.
- MAGALHÃES, Raul Francisco. **O que é imoralidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- NETO, José Miguel Arias. **O Eldorado: Representações da Política em Londrina 1930-1975**. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n, 3. p.3-15 1989.
- _____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n10. p.200-212. 1992.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIBEIRO, Edméia. **Meninas Ingênuas uma espécie em extinção? Práticas, representações femininas e discurso jurídico em Maringá, 1950-1980**. Curitiba: Aos quatro Ventos, 2004.
- SANTOS, Márcia Pereira. História e Memória: desafios de uma relação teórica. **OPIS**. Goiânia, v.7, n.9. p.81-97. 2007.
- WALKOWITZ, Judith R. Sexualidades Perigosas. In: FRAISSE, Genevié; PERROT, Michelle. (Org.). **História das Mulheres**. Porto. Edições Afloramento. 1991. p. 401-441.